

A família e o alcoolismo

Prof Marcus Tulio Caldas¹

Resumo

O autor destaca a importância das relações familiares para a compreensão e tratamento do alcoolismo, através do exame dos principais modelos teóricos que visam a articular a relação alcool-família.

Palavras-chave: alcoolismo, família, terapia, esposa, filhos.

Abstract

The author stresses the importance of family relationships to understand and treat alcoholism by examining the main theoretical models that aim at finding links in the relationship alcohol/family.

Key words: alcoholism, family, therapy, wife, children.

A importância da família no tratamento do alcoolismo está exposta com clareza em Edwards (1995), que a considera tão intensamente envolvida na questão como o próprio paciente.

Durante um tempo bastante longo, considerou-se a esposa do dependente de álcool, devido a suas próprias necessidades patológicas, como a responsável pelas dificuldades que, por acaso, apresentasse seu marido para superar a dependência (Edwards, 1995).

O fato, bastante freqüente, de encontrar casamentos entre filhas de alcoolistas e outros alcoolistas e, além disso, a observação de casais em tratamento em que a esposa parece boicotar os esforços do companheiro têm gerado uma série de

hipóteses neste campo (Edwards, 1995).

As mais comuns falam de conflitos edipianos, não resolvidos em relação à figura do pai (Ramos e Pires apud Ramos e Bertolote, 1997), à fuga de uma enfermidade depressiva (Edwards, 1995) ou ao desejo de dominar um homem de caráter débil (Hirata, 1993).

Apesar de reconhecer que as situações acima descritas são possíveis, Edwards (1995) acredita que a esposa do alcoolista, em geral, segue um padrão bastante previsível de comportamento, baseado na necessidade de enfrentar o alcoolismo do marido.

Assim, em um primeiro momento, tentará protegê-lo e controlá-lo, para evitar as consequências de um comportamento problemático. É o momento do afastamento social como estratégia de proteção familiar.

Na etapa seguinte, encontraremos uma esposa desencantada, desesperançada, submersa em uma corrente de emoções contraditórias, entre as quais sobressaem a frustração, o medo e a raiva, que continua acreditando na recuperação de seu casamento. É o momento em que a esposa tenta convencer o marido da necessidade de buscar ajuda para recuperar os momentos de alegria vividos no passado (Edwards, 1995).

Esse é um momento chave para a família, porque, no caso em que continue bebendo, o marido provocará uma série de reações em sua companheira que podem resumir-se assim:

- ruptura matrimonial;
- continuam convivendo, porém a esposa se afasta, cada vez mais, de qualquer contato físico e emocional com o marido;
- a esposa ataca o marido, ameaça abandoná-lo, destrói as garrafas de bebida e lhe joga na cara o sofrimento que provoca nela e nos filhos. Às vezes, chega a situações extremadas, como agressões físicas ao marido e, inclusive, abusos alcoólicos por parte da mulher;
- outra estratégia seria de mimá-lo, prometendo recompensas se abandonar as bebidas;
- o que o autor considera a mais adequada é a conduta que denomina “construtiva”, ou seja, a esposa mantém a auto-estima, cuida da casa e

¹Médico Psiquiatra

Professor do Departamento de Psicologia, da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)

Doutor em Psicologia pela Universidade de Deusto, Bilbao-Espanha



dos filhos e busca ativamente uma maneira de conscientizar o marido através da leitura de folhetos de Alcoólatras Anônimos (AA), conversas com o médico de família ou a ajuda de outros familiares influentes que podem sensibilizá-lo a buscar tratamento (Edwards, 1995).

O que se observa na prática clínica é uma mistura de estilos com a esposa buscando o mais eficaz para dado momento.

Os estilos de enfrentamento descritos têm uma evidente importância no modo de planejar a terapia familiar, que, além disso, deverá considerar a situação familiar, o papel dos filhos, a presença de patologia psiquiátrica em um ou vários de seus membros e a capacidade de a família manter suas estruturas afastadas da infiltração do alcoolismo (Ramos e Pires apud Ramos e Bertolote, 1997).

Ramos e Pires acreditam que o incremento de um quadro de alcoolismo em um casal recém-casado que tenta estruturar sua identidade conjugal trará problemas e questões terapêuticas diferentes de outro que vive a fase de procriação e desenvolvimento, com filhos em idades diferentes, com a família em um determinado momento de integração social e, por fim, de outra situação familiar em que os filhos saíram de casa para constituir suas próprias famílias e um dos genitores, o que se alcooliza, está aposentado. (Ramos e Pires apud Ramos e Bertolote, 1997).

Os filhos reagirão ao alcoolismo de um dos genitores com um grande leque de comportamentos que dependerão, certamente, da idade que têm no momento de enfrentar o fato, da estrutura de personalidade que desenvolveram, das condições socioeconômicas da família, das características socioculturais da sociedade em que estão inseridos, assim como do apoio que venham a receber do genitor não-dependente e/ou de outros familiares. Edwards (1995), Ramos e Pires apud Ramos e Bertolote (1997).

Outro fator importante identificado pelos pesquisadores é o comportamento do genitor no momento em que está alcoolizado, que pode variar muito de uma a outra pessoa ou, até mesmo, na mesma pessoa em diferentes alcoolizações. En-

quanto alguns ficam brincalhões e infantis, dormindo rapidamente; outros, ao contrário, gritarão, humilharão e agredirão os seus filhos. Esta última situação faz supor um futuro de graves dificuldades emocionais.

Outro comportamento encontrado com frequência em filhos de dependentes do álcool é o de tentar resgatar a estabilidade emocional perdida, o que provocará diferentes atitudes:

- a síndrome de pseudomaturidade, muito comum em nosso meio, caracteriza-se pela tentativa de um filho adolescente substituir as funções do genitor alcoolista, o que o obrigará a demonstrar um comportamento adulto que, entretanto, não corresponde a seu verdadeiro desenvolvimento psicossocial;
- dificuldades escolares que no extremo podem levar ao fracasso escolar;
- busca de grupos alternativos ao grupo familiar, tais como: grupos religiosos, partidos políticos, grupos de dependentes de drogas e, “in extremis”, grupos de delinquentes.

Steinglass et al (1989), baseados na teoria de sistemas, criaram o termo “família alcoólica” em uma tentativa de caracterizar a profunda infiltração estrutural que pode adquirir o álcool em uma família com um membro importante dependente.

Em resumo, os autores consideram que toda família passará a funcionar como um sistema alcoólico, cuja característica principal será o conservadorismo, ou seja, a dificuldade em seguir naturalmente as fases do ciclo evolutivo familiar, que sempre implicarão a necessidade de mudanças. Serão necessárias grandes tensões e fortes ameaças, algumas relacionadas com as consequências médicas do alcoolismo, para que uma família com essas características se mobilize.

Em seu desenvolvimento evolutivo, a “família alcoólica” terá invadidas pelo álcool suas rotinas diárias, seus rituais, inclusive sua capacidade de resolver problemas a curto prazo; trata-se de um processo paulatino da incorporação estrutural do álcool a suas condutas reguladoras.

A consequência mais previsível serão as frequentes recaídas, seguidas por tentativas de abandonar as bebidas.

Ramos e Pires apud Ramos e Bertolote (1997), ao considerar a multiplicidade de questões que contém a terapia familiar do alcoolismo, consideram que mais importante que o marco teórico são as estratégias de atuação flexíveis que se devem considerar em cada caso concreto, assim como suas vicissitudes. Esses autores dividem, para facilitar a compreensão, as estratégias de atuação em três: grupo de cônjuges, grupo de casais e grupo de família.

O grupo de cônjuges estaria indicado naquelas situações em que os problemas do casal se restringem ao alcoolismo, o membro não-alcoólico mantém sua saúde mental e está disposto a colaborar no processo terapêutico. Em sentido estrito, considera-se que o grupo de cônjuges é mais de orientação que psicoterápico. Por isso, é aconselhável que o membro alcoólico do casal continue seu tratamento individual.

O grupo de casais está indicado naquelas situações, estudadas por Steinglass et al (1989), em que o alcoolismo se infiltra na estrutura familiar. Entre os objetivos desse tipo de grupo, os autores destacam a necessidade de que o casal seja capaz de perceber o funcionamento patológico, estereotipado e imobilista em que está envolvida a família, e, a partir daí, proponham retomar o respeito mútuo, a individualidade e a capacidade de gerar soluções criativas no âmbito familiar. Nesse tipo de grupo, consideram-se os dois membros do casal como merecedores da mesma atenção terapêutica. A técnica terapêutica segue a orientação teórica do grupo operativo.

O grupo de família está indicado naquelas famílias com graves desajustes grupais, mais além das patologias individuais, com propensão a desorganização grupal. Os objetivos desse tipo de grupo são melhorar a comunicação entre seus membros e favorecer uma melhor definição dos papéis familiares, de maneira que melhore a estabilidade grupal. Poderão ser utilizadas diversas técnicas e é possível que o processo terapêutico seja mais longo e difícil que os dos grupos descritos anteriormente.

Acredito que este artigo tenha posto em destaque a importância da trama familiar no alcoolismo, ressaltando as diversas maneiras em que se realiza a articulação alcoolismo-família.

Em relação à terapia familiar do alcoolismo, as diversas formas de abordagem da questão, desde as mais simples, como os grupos de orientação, até as mais complexas, como a terapia familiar da “família alcoólica”, permitem que profissionais com diversos graus de conhecimento e treinamento possam participar, o que evidentemente tem importantes reflexos em saúde pública, onde se localiza a patologia do alcoolismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDOLFI, Maurizio. **Terapia familiar**. 2. ed. Barcelona : Paidós Ibérica, 1993. Tradução de : La terapia con la familia: un approccio relazionale.
- BRASILIANO, S. A importância da abordagem familiar nas dependências. **ABEAD**, São Paulo, n.13, p. 7-8, 1991.
- CALDAS, M. T. **Estudio de un centro de tratamiento para alcohólicos en Recife-Pernambuco**: desarrollo organizacional, perfil de sus pacientes, y vicisitudes histórico-políticas. Bilbao : 1999. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidad de Deusto, 1999. Mimeo.
- EDWARDS, G. **O tratamento do alcoolismo**. 2. ed. São Paulo : Martins Fontes, 1995. Tradução de: The treatment of drinking problems.
- HIRATA, E. S. A Propósito de terapia de casal para alcoólatras. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 20, n.1, p. 23-27, 1993.
- RAMOS, S. de P. et al. **Alcoolismo Hoje**. ed. Porto Alegre : Artes Médicas, 1987.
- _____. BERTOLETE, J. M. et al. **Alcoolismo Hoje**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- _____. BERTOLETE, J. M. et al. **Alcoolismo Hoje**. 3. ed. Porto Alegre : Artes Médicas, 1997.
- STEINGLASS, P. et al. **La Familia Alcohólica**. Barcelona : Gredisa, 1989. Tradução de: The Alcoholic Family.



Avaliação psicopedagógica: verificação de talentos e potencialidades

Maria das Graças Sobral Griz *

Resumo

Tecemos algumas considerações sobre a importância que a Psicopedagogia oferece ao diagnóstico do problema de aprendizagem, ao ressaltar o valor da avaliação do potencial de aprendizagem do indivíduo, numa contraposição da verificação apenas dos “deficits” e lacunas que possam estar em evidência. Fazemos referência ao diagnóstico aberto, com possibilidades, criação e liberdade.

Os aportes teóricos apresentados dão oportunidade para uma breve discussão sobre a modalidade de aprendizagem do Educador, que favorecerá ou não a compreensão de um diagnóstico aberto.

Para o embasamento deste Diagnóstico Psicopedagógico, cuja prioridade é a descoberta das potencialidades, apresentamos a Teoria da Modificabilidade Cognitiva Estrutural, do psicólogo e pedagogo romeno R. Feuerstein, que consiste na Experiência de Aprendizagem Mediada – EAM – e no Diagnóstico do Potencial de Aprendizagem. Mostramos as teorias de Pain e Fernández sobre Modalidades de Aprendizagem do Educador.

Ressaltamos o papel das relações vinculares permeando o processo ensino-aprendizagem e a importância de o Educador estar atento para a modalidade de construção da subjetividade do sujeito, como ensinante ou aprendiz, e para compreensão da necessidade de se abrirem espaços subjetivos e objetivos a fim de que a construção do conhecimento ocorra, respeitando e aceitando as diferenças.

Palavras-chave: Potencialidade, vínculo, modalidade de aprendizagem, modificabilidade cognitiva, construção.

Abstract

Some considerations are put forward on the importance of Psychopedagogy for helping in the diagnosis of learning difficulties, by stressing the value of appraising the individual's learning potential, and counter-pointing these to verifying only the deficits and holes that may be in evidence. We refer to open diagnosis, which leads to possibilities, creation, and liberty.

The theoretical contributions presented allow for a brief discussion on the way of the teacher's mode of learning that may or may not help the understanding of an open diagnosis.

To give foundation to this Psychopedagogical Diagnosis, which gives priority to the discovery of potentialities, we introduce the Theory of Structural, Cognitive Modificability, by the Romanian psychologist and pedagogue, R. Feuerstein,. It consists in the Mediated Learning Experience – MLE – and in the Diagnosis of Learning Potential. We show the theories of Pain and Fernandez on the teacher's Modalities of Learning.

We stress the role of interconnected relationships in the teaching-learning process, the importance of the teacher's awareness of the modality of constructing the subjectivity of the subject, as teacher and learner, of understanding the need to open subjective and objective spaces so that the construction of knowledge appears while respecting and accepting differences.

Key words: potentiality, bond, mode of learning, cognitive modality, construction.

Neste trabalho, pretendemos falar não das lacunas nem dos “deficits” das crianças que apresentam dificuldades no processo de aprender. O nosso enfoque se voltará para o seu potencial de aprendizagem. Para isso, traremos não uma receita pronta nem formas e técnicas já conhecidas, mas uma filosofia que permita uma leitura diferente da que sempre usamos no traba-

* Terapeuta e Supervisora Psicopedagógica

E-mail: ggriz@terra.com.br